

**CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
BERNARDO SASSETTI – A MÚSICA COMO FICÇÃO
EM COLABORAÇÃO COM A CASA BERNARDO SASSETTI
26 de janeiro de 2022**

UM DIA FRIO / 2009

Um filme de Cláudia Varejão

Realização: Cláudia Varejão / Argumento: Cláudia Varejão e Graça Castanheira / Produção: Maria João Mayer e François D'Artemare / Direção de Fotografia: Rui Xavier / Montagem: Cláudia Varejão e Pedro Marques / Música Original: Bernardo Sasseti / Som: Adriana Bolito / Montagem de Som: Miguel Martins / Interpretações: Adriano Luz, Maria D'Aires, Isabel Ruth, Ana Rodrigues, Vicente Wallenstein, Ágata Pinho / Cópia: DCP, a cores, falado em português / Duração: 27 minutos / Estreia Mundial: Julho de 2009, Curtas Vila do Conde / Primeira Apresentação na Cinemateca.

COMO DESENHAR UM CÍRCULO PERFEITO / 2009

Um filme de Marco Martins

Realização: Marco Martins / Argumento: Marco Martins e Gonçalo M. Tavares / Produção: António da Cunha Telles / Assistência de Produção: Andreia Nunes / Direção de Fotografia: Carlos Lopes / Montagem: João Braz e Richard Marizy / Música: Bernardo Sasseti / Som: Brako Neskov e Elsa Ferreira / Casting: Patrícia Vasconcelos / Interpretações: Rafael Morais (Guilherme), Joana de Verona (Sofia), Daniel Duval (Paul), Beatriz Batarda (Leonor), Lourdes Norberto (Clara), João Pedro Vaz (vizinho de Paul), Albano Jerónimo (Jorge), Joana Bárcia (Sílvia), Alexandra Vieiros (prostituta) / Guarda-roupa: Silvia Grabowski / Direção Artística: Artur Pinheiro / Cópia: 35mm, a cores, falado em português e em francês, com legendas em português / Duração: 96 minutos / Estreia Mundial: 25 de setembro de 2019, Festival do Rio / Primeira Apresentação na Cinemateca.

Duração aproximada da projeção: 106 minutos.

Com a presença de Cláudia Varejão.

Os corpos levantam-se já cansados. A luz é baça, de um azul frio que anuncia um dia escorregadio e de pouca visibilidade. Chove a potes nesta Lisboa, muito diferente da “cidade branca” dos estrangeiros Wim Wenders e Alain Tanner, mais próxima, enfim, daquela cidade que um dia Adília Lopes cantou num poema intitulado simplesmente “Lisboa”: cidade que é branca, sim, mas que também é “negra como um beco” e “desabitada como um armazém”, e ainda “que se degrada / cidade que acaba”. Nos dois filmes desta sessão, (re)encontramos esta Lisboa que não se vende nos postais para turista ver: é inverno, sempre, na vida de personagens que parecem atraídas mais pelo sono, pelo esquecimento, pela morte ou pela inércia do que por outra coisa qualquer.

O filme de Cláudia Varejão, curta-metragem “do meio” numa trilogia que começou em **Fim-de-semana** (2007) e terminou em **Luz da Manhã** (2012), é a história de uma família que vive num mesmo apartamento, mas não vive propriamente “junta” ou “unida”. Tudo participa dessa espécie de diluição de desejos e vontades no dia frio de uma cidade onde a chuva é incessante, debaixo da luz difusa de um “fim de tarde” que não passa. Ao mesmo tempo que a câmara atenta e sensível de Varejão acompanha um dia (talvez não tão especial assim) na vida de cada um dos elementos desta família, vamos dar conta mais daquilo que separa as personagens entre si do que daquilo que as une.

Como escrevia Tolstói celebrenemente, no início de *Anna Karenina*, “[t]odas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”. Esta poderá ser assim: “infeliz à sua maneira”. O “raio de luz” talvez venha da história de amor que une a jovem adolescente desta família à sua amiga e namorada. As duas encontram-se para irem nadar numa piscina. A água, como em toda a trilogia, está por todo o lado, começando pelo duche matinal que acorda sem acordar estas personagens que parecem só querer voltar para a cama e dormir. Talvez essa nota de maior felicidade – e verdadeira liberdade (uma conquista interior, compartilhada pelas duas raparigas) – venha, enfim, de quem domina o elemento líquido, nadando e dançando com esse movimento da água, que tende a “liquefazer” tudo, diluindo o que é diferente na corrente de uma imensa mesmidade, nomeadamente no caudal distorcido da paisagem urbana, por entre a multidão de carros, pessoas, luzes e corpos indistintos. Se calhar as famílias infelizes também se parecem cada vez mais entre si.

As notas do piano de Sassetti fazem parte deste mesmo movimento de uma água que não desperta, que, pelo contrário, faz ver com maior nitidez a chuva que cai intensamente no mundo de cada personagem. Recordam-me a epígrafe, atribuída a Bernard Herrmann, do seu disco *Ascent*: “Everybody’s life has some rain in it.” Varejão revela essa chuva, ao exercitar numa ficção o seu olhar já documental (a realizadora notabilizar-se-á, depois, no campo do documentário em sentido mais estrito) sobre o mundo e as pessoas, espreitando ainda os mundos que as habitam. E isso é algo que continua a ser feito na longa-metragem desta sessão: se há Lisboa plúmbea, invernososa, “azul”, ela pertence a Marco Martins e desde **Alice** (2005).

Como a longa-metragem que afirmou a presença do realizador no panorama do cinema português, marcada por um trabalho intenso com os atores e pela afirmação da música de Sassetti num momento particularmente sensível (diria “de transição”) do nosso cinema, **Como Desenhar um Círculo Perfeito** é um exercício sobre corpos que chocam, dançam, se atraem e se devoram. E que ora se encontram, ora se desencontram numa cidade que só conhece dias frios. A Lisboa de Marco Martins é uma Lisboa, de facto, emanada da música crepuscular, profundamente melancólica, do piano de Sassetti e, neste filme onde praticamente não há sorrisos, em que se corre muito, em que os corpos se encostam ou caem desamparados uns sobre/contra os outros, parece que são os dois elementos mais novos aqueles que menos oportunidades têm de se salvar. Irmão e irmã aparecem condenados pela atração impossível que sentem um pelo outro (uma relação incestuosa que não acrescenta muito, do ponto de vista dramático, ao velho mito [assaz?] português, que vai de *Os Maias* a **Sangue do Meu Sangue** [2011]). O desejo que os condena é também o único “porto seguro” que conhecem, já que vogam entre pai e mãe como um navio perdido no alto-mar, numa deriva que é tanto interior como exterior (nessa Lisboa expressionista que só quem vive na cidade conhece e pode considerar tão ou mais real que a “cidade branca” atrás referida). O argumento, escrito a meias com Gonçalo M. Tavares, poucos anos antes do lançamento do seu magnífico *Atlas do Corpo e da Imaginação* (obra dedicada à memória de Sassetti), traduz essa ideia, que encontro sublinhada por mim no meu exemplar, de que “[o] movimento, qualquer movimento, é a fuga de uma posição”.

O filme faz-se em vai-e-vem, sobretudo graças à personagem do rapaz, interpretada de maneira silenciosa mas eloquente por Rafael Morais, entre dois “blocos” de carisma, mãe e pai, dois pilares de um descontentamento sem fim para este irmão e esta irmã, esta última “um anjo mau” interpretado com uma entrega e vulnerabilidade notáveis por Joana de Verona. Os dois parecem estar intimamente certos da maldição que impende sobre a sua história de amor. Em certa medida, essa maldição pesa em cada gesto, expressão do rosto e movimento do corpo – só são perfeitos os círculos que os dois desenham nas paredes do palacete arruinado onde vivem. Desenham-nos no espaço como no tempo (imagens que parecem oferecer o esboço para o trabalho performativo, registado em fotografias, que está presente no citado livro de Gonçalo M. Tavares e que é atribuído ao grupo Os Espacialistas), voltando as personagens várias vezes aos mesmos lugares arruinados, sendo que, nas diferentes casas escuras e degradadas, pai, mãe e avó – não esquecer, nunca, a personagem magnificamente interpretada por Lourdes Norberto – pouco lhes têm a oferecer (por muito que o busquem, os irmãos não encontram remédio para aquilo que sentem um pelo outro). A personagem da mãe, interpretada por Beatriz Batarda, é a presença mais fugidia no filme e dela não vem qualquer calor humano (o filho, por exemplo, lamenta nunca ter passeado com a mãe, sabendo que, se calhar, não é uma prioridade na sua vida). O pai, por sua vez, é a grande personagem aqui, elevando o filme para lá do mero exercício performático ou do tratado existencial algo repetitivo. Daniel Duval, ator de Philippe Garrel e que fizera de pai no drama **Le temps qui reste** (2005) de François Ozon, é um escritor francês vivendo numa cidade que não é a sua, habitando um apartamento velho (com infiltrações e uma vizinhança esquisita) da tal Lisboa “que se degrada”. Escreve contos e recebe visitas esporádicas do filho, que nutre por ele um carinho e uma admiração profundas. Mas nada se comunica inteiramente aqui. Como observa o pai, enquanto joga com o filho ao jogo do galo, o rapaz “desenha círculos perfeitos mas perde sempre”. No final, a personagem de Rafael Morais ganhará o jogo mas essa vitória sabe a derrota, como uma espécie de descida vagamente ritualística ao “outro lado”, que me fez projetar em *off*, nesse meu “cinema da mente” que por vezes delira, a mais bela e terrível das mortes “líquidas”: o suicídio de Anjû em **Sanshô dayû/O Intendente Sancho** (1954) de Kenji Mizoguchi, em que a personagem desce ao lago, num campo de flores. E desaparece para sempre num movimento perfeito.

Luís Mendonça